

INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORES EM GRUPOS DE REDES SOCIAIS: LAZER, TRABALHO OU AUTO FORMAÇÃO COLETIVA?

Januário Neto Pereira Sarmiento¹
Daiane Aparecida Ribeiro Sarmiento Pereira²

Resumo

O crescimento do número de grupos de professores em redes sociais é cada vez mais nítido. Desse modo, o presente trabalho foi idealizado e construído com a finalidade de compreender o que, de fato, está presente nos processos de interação vividos pelos profissionais do magistério em redes sociais, com destaque para alguns grupos de professores da Rede Social Facebook³. Justifica-se a relevância desta pesquisa em razão do próprio valor dado, na atualidade, às tecnologias em geral, especialmente no que tange à internet e às redes sociais. Os principais pressupostos teóricos em que este trabalho está fundamentado são os seguintes: Peixoto (2012; 2015); Castells (2000); Freire (1983); Levy (1993); Barcelos (2012). A metodologia adotada para a execução da pesquisa foi a análise documental, sob uma abordagem qualitativa. Para tanto, foram analisadas publicações de professores nos respectivos grupos em que estão associados, sendo extraídas 11 publicações de cada grupo da referida rede social (foram visitados dois grupos do Facebook compostos por docentes). O foco principal do estudo e análise dessas publicações foi a busca de respostas para quatro questionamentos básicos: Quais as principais temáticas das discussões docentes nos grupos de redes sociais? Existem práticas de discussão, num movimento dialético, a respeito das postagens feitas, ou, há somente opiniões soltas e desconexas? As interações docentes nas redes sociais estão voltadas para o lazer ou para o trabalho vivido cotidianamente? Pode-se afirmar que, em meio às postagens, é possível perceber práticas de auto formação coletiva dos docentes? Terminadas as investigações às quais este trabalho de pesquisa se propôs, foi possível notar que, ao utilizarem as redes sociais, os professores o fazem mais no sentido de discutir suas práticas pedagógicas do que com finalidade de lazer. Notou-se, ainda, que os docentes dessas redes sociais, diante das postagens realizadas, fazem muitas discussões, em que o contraditório está presente, em grande parte das publicações. E, mais, há processo de formação continuada, mesmo que inconscientemente, às vezes, diante das discussões que acontecem nos grupos de redes sociais docentes.

Palavras-chave: Redes sociais. Professores. Facebook. Interação.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG); Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO).

² Cursando Especialização em Gestão de Projetos de TI, pela Faculdade Cidade Verde. Graduada em Gestão da Tecnologia da Informação, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO).

³ Por questões de segurança, os grupos não serão identificados ao longo desse trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultante de inquietações a respeito das finalidades que levam os professores a interagirem virtualmente por meio da Rede Social Facebook. O mesmo nasceu com o objetivo geral de compreender o que, de fato, está presente nos processos de interação vividos pelos profissionais do magistério em redes sociais, com destaque para alguns grupos de professores da Rede Social Facebook.

Já os objetivos específicos são os seguintes: conhecer as principais temáticas das discussões docentes nos grupos de redes sociais; verificar se as discussões fazem parte de uma construção dialética ou, há somente opiniões soltas e desconexas; compreender se as interações docentes nas redes sociais estão voltadas mais para a prática do lazer ou para o trabalho vivido cotidianamente; perceber se, em meio às postagens, é possível perceber práticas de auto formação coletiva dos docentes.

Justifica-se a relevância desta pesquisa em razão do próprio valor dado, na atualidade, às tecnologias em geral, especialmente no que tange à internet e às redes sociais.

A construção teórica desta pesquisa está assentada em diversos autores, tais como Peixoto (2012; 2015); Castells (2000); Freire (1983); Levy (1993); Barcelos (2012).

A metodologia adotada para a execução da pesquisa foi a análise documental, sob uma abordagem qualitativa. Para tanto, foram analisadas publicações de professores nos respectivos grupos em que estão associados, sendo extraídas 11 publicações de cada grupo da referida rede social (foram visitados dois grupos do Facebook compostos por docentes).

Realizada a pesquisa foi possível perceber que ao utilizarem as redes sociais, os professores o fazem mais no sentido de discutir suas práticas pedagógicas do que com finalidade de lazer. Notou-se, ainda, que os docentes dessas redes sociais, diante das postagens realizadas, fazem muitas discussões, em que o contraditório está presente, em grande parte das publicações. E, mais, há processo de formação continuada, mesmo que inconscientemente, às vezes, diante das discussões que acontecem nos grupos de redes sociais docentes.

2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

A metodologia adotada para a execução desta pesquisa foi a análise documental, sob uma abordagem qualitativa.

De acordo com Gil (2002, p.45):

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes/Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.

Para a realização da pesquisa foram analisadas 22 publicações de professores associados a dois grupos da Rede Social Facebook. Extraiu-se, na primeira quinzena do mês de setembro de 2018 um total de 11 publicações de cada grupo da referida rede social.

Na definição da amostra, ficou estabelecido que somente fariam parte das publicações analisadas aquelas em que houvesse um número mínimo de 20 comentários. Tais publicações foram escolhidas aleatoriamente, em dois dias e horários diferenciados.

Os dois grupos de professores citados possuem juntos, pouco mais de 200 mil membros associados. Não foram limitadas, a priori, os temas das publicações que fariam parte da amostra.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Os debates em torno do tema Educação e Tecnologias estão muito além da sala de aula e das reuniões pedagógicas dos profissionais da educação. E esse debate não acontece de forma desarrazoada, já que aliado à aquisição de artefatos tecnológicos há que se falar e requerer uma formação docente capaz de implementar o uso das tecnologias de forma emancipadora em sua prática pedagógica (LÉVY, 1993).

Diversas razões podem justificar a força da discussão sobre Educação e Tecnologias ser tão presente e tão encorpada. Uma delas pode referir-se à ingenuidade com que se utiliza as tecnologias em sala de aula.

Muitas vezes as tecnologias são vistas pelos educadores de forma ingênua, apenas como instrumentos técnicos que irão ajudar a escola a agilizar os seus afazeres e baratear os custos/investimentos. Outras vezes é vista como uma forma de mudanças de comportamento e romper com o que sempre foi feito até o presente momento. Entretanto é preciso ir além e incorporá-las às práticas como uma forma de construir visões de mudanças e transformação na aquisição do conhecimento e no letramento dos alunos e dos professores (PASQUETTI; SAINZ; NASCIMENTO, 2017, p. 168).

Todavia, nem se deve conceber a tecnologia como simples mudança nas práticas educativas, nem como objeto neutro. Pelo contrário, seu uso deve ser constantemente problematizado, ou seja, há um processo contínuo de reflexão e crítica do quanto, como e quando a tecnologia é útil na prática educativa.

De acordo com Toschi (2005, p. 37) “é quase consenso nas políticas educacionais e em alguns autores de que as tecnologias na educação vêm para melhorar a aprendizagem dos alunos e atender necessidades dos professores”. Assim sendo, o que se questiona não é se a tecnologia é importante ou não nas práticas educativas, mas as formas de uso.

Ao problematizar as formas de uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) nas práticas pedagógicas, Peixoto (2015) aponta para a existência de três abordagens: determinista, instrumentalista, sociotécnica. Amparado na abordagem determinista, o uso das TIC nas práticas pedagógicas acontece numa relação de superioridade das tecnologias em relação ao docente. Quanto à abordagem instrumentalista, percebe-se que o professor passa a ser coadjuvante do processo. Por outro lado, numa concepção sociotécnica, não há superioridade nem do docente nem da TIC. O que há, na verdade, é uma relação dialética entre um e outro, cujo movimento caminha na direção de uma educação transformadora, emancipadora.

Castells (2000) critica o determinismo tecnológico, pois, na visão deste autor, a sociedade pode ser entendida ou representada meramente a partir das ferramentas tecnológicas

Nem sempre é fácil, mas necessário é que a relação Educação e Tecnologia se materialize numa abordagem sociotécnica, ou, pelo menos, caminhe nesse sentido. Nesta abordagem a relação entre o sujeito e as tecnologias acontecem num processo de interação (PEIXOTO, 2012), promovendo uma educação emancipadora. Essa educação emancipadora remete a um processo de contrariedade ao que se denomina educação bancária (FREIRE, 1983).

Em meio às diversas tecnologias participantes das práticas pedagógicas, as redes sociais ocupam um espaço significativo. Conforme Barcelos (2012, p. 05) “as redes sociais por meio das interações vêm modificando diversas áreas da atividade humana, a saber: comércio, indústria, economia, artes, cultura e educação”. Faz todo sentido que a educação esteja presente nesse processo de mudança, pois a mesma não está à margem da sociedade, mas é fruto dela mesma. Ainda de acordo com Barcelos (2012, p. 05), além de ser utilizada em processos de interação menos sistematizados, “as redes sociais também podem representar um importante recurso de apoio às atividades educacionais”. Para além de simples interações sociais, esses espaços das redes sociais vêm sendo apropriados como mais uma oportunidade de auto formação docente.

Os processos de aprimoramento pessoal que os professores experimentam nos grupos do Facebook são de diversos níveis: “(i) acesso à sala sem participação; (ii) comentários breves sobre a questão proposta; (iii) interação intensificada com depoimentos e análises mais longas e aprofundadas; (iv) formulação de novos questionamentos” (FERREIRA; MACHADO; ROMANOWSKI, 2013, p. 563). Isso demonstra a amplitude das redes sociais no dia a dia dos professores.

No caso da formação profissional do professor, André (2010, p. 176) afirma que:

A formação docente tem que ser pensada como um aprendizado profissional ao longo da vida, o que implica envolvimento dos professores em processos intencionais e planejados, que possibilitem mudanças em direção a uma prática efetiva em sala de aula.

Essa necessidade de aprendizado constante leva o professor à inquietude à sensação de necessidade contínua de aprendizado. Paulo Freire também comunga com a ideia da necessidade do aprendizado perene do educador, quando afirma que

este é um ser inacabado e precisa ter consciência do seu inacabamento (FREIRE, 2013). É nesse processo histórico, do qual o inacabamento faz parte, é que se materializa a práxis docente, num contínuo e articulado movimento que envolve os elos teoria e prática.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa compreendeu, conforme já discriminado anteriormente, um total de 22 publicações, observadas em dois grupos distintos de professores da Rede Social Facebook.

Conforme consta na tabela 01, nessas 22 publicações verificadas, percebeu-se a soma de um total de geral de 4.653 (quatro mil seiscentos e cinquenta e três comentários). Isso representa uma média aritmética de 211 (duzentos e onze) comentários por cada publicação.

Tabela 01 – Relação de postagens analisadas

Nº	Tema da postagem	Número de comentários	Lazer/Trabalho	Presença do contraditório (muito, pouco, inexistente)	Auto Formação
1	Tabuada lúdica	284	Trabalho	Inexistente	Sim
2	Sugestão de lembrancinhas para o dia das crianças	484	Trabalho	Pouco	Sim
3	Alfabetização	92	Trabalho	Pouco	Sim
4	Matemática lúdica	293	Trabalho	Pouco	Sim
5	Mural de poesias	131	Trabalho	Pouco	Sim
6	Dinâmica lava mãos	21	Lazer	Inexistente	Não
7	Educação para o trânsito	24	Trabalho	Pouco	Sim
8	Escrita espelhada	36	Trabalho	Muito	Sim
9	Raciocínio lógico-matemático	1240	Lazer	Muito	Sim
10	Sugestão de atividade (Arte)	103	Trabalho	Pouco	Sim
11	Os cinco sentidos	35	Trabalho	Pouco	Sim

12	Contação de histórias	22	Trabalho	Pouco	Sim
13	História em quadrinhos	50	Trabalho	Pouco	Sim
14	Teatro	596	Trabalho	Pouco	Sim
15	Questão ambiental	22	Trabalho	Muito	Sim
16	Arte com reciclagem	22	Trabalho	Muito	Sim
17	Árvore de papel (reciclagem)	246	Trabalho	Muito	Sim
18	Atividade de Arte	203	Trabalho	Pouco	Sim
19	Curso de capacitação	33	Trabalho	Pouco	Sim
20	Charada	20	Lazer	Inexistente	Não
21	Jogos educativos	663	Trabalho	Muito	Sim
22	Tema de pesquisa (TCC)	33	Trabalho	Pouco	Sim

Fonte: O próprio autor, baseado na pesquisa realizada em dois grupos de professores da Rede Social Facebook (2018).

Observando-se as temáticas das postagens que os professores costumam publicar nos grupos da rede social em análise, notou-se que um total de 86,36% estão vinculadas a questões cotidianas do trabalho docente. Noutro sentido, apenas 13,64% estão vinculadas ao lazer. Ora, faz certo sentido essa preocupação dos docentes com a discussão a respeito de suas práticas, visto que os saberes docentes são plurais e diversos (TARDIF, 2012). No bojo da discussão a respeito da continuidade do ato de aprender Freire (1983, p. 28) afirma que “estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos”. Nessa interação entre si os professores constroem e reconstróem seus conhecimentos pedagógicos nesses grupos de redes sociais.

Notou-se, pelos dados da pesquisa, que há um movimento dialético nas discussões empreendidas pelos docentes nas redes sociais. Mesmo que ainda num grau pouco significativo, faz-se presente o contraditório. Isso é deveras importante, principalmente porque, conforme observado, são grupos em que professores de diversas regiões e Estados do país discutem em torno de algumas temáticas colocadas em pauta. Ora, ainda que a temática seja a mesma, os fatores culturais, sociais, econômicos, entre outros, concorrem para que a abordagem seja diferente, a depender do contexto dos sujeitos que discutem o assunto. Em alguns casos,

notou-se diferenças drásticas entre um posicionamento e outro. Contudo, não se deve encarar essa discussão como algo negativo, mas como caminhos para a ação-reflexão-ação do profissional do magistério.

Parece estar claro, a partir dos dados constantes na Tabela 01, que as redes sociais passaram a assumir um papel, também, de *locus* da formação continuada docente. Assim sendo, a formação continuada ganha um novo sentido, deixando de ser apenas um emaranhado de cursos e passando a ser um espaço para a reflexão e reconstrução (CANDAU, 1999). E mais, esse espaço virtual tem sido largamente utilizado como um local de apropriação coletiva de saberes pelos docentes. Tal fato se coaduna com o pensamento de Nóvoa (1992), pois, de acordo com o mesmo, a formação continuada se processa nessas interações de professores, com suas bagagens e experiências. Nota-se, ainda que as discussões giram mais no campo da empiria que da teoria, o que não descaracteriza e nem inferioriza essas interações docentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Termos como tecnologia, internet, redes sociais ganham cada vez mais espaço na seara da educação, aí incluídos os espaço-tempos reservados à interação social entre docentes (seja em interações tradicionais ou virtuais). E, a bem da verdade, faz todo sentido que assim o seja, haja vista que a escola é um retrato da sociedade em cujo contexto se encontra.

A referida pesquisa, empenhando-se para entender os motivos que levam os docentes a se unirem virtualmente em redes sociais, conseguiu captar vários aspectos que permeiam nesse aglomerado de professores, dos mais diversos estados e municípios brasileiros.

Há um forte movimento dialético que contribui para o crescimento intelectual e profissional dos docentes, fazendo com que esse espaço seja, intencionalmente, mais do que simples momentos de interação/descontração. Aliás, pouco se percebe de postagens direcionadas ao lazer. Questões cotidianas do trabalho ocupam quase todo o cenário de postagens e discussões nesses grupos de professores. É, portanto, indubitavelmente, um espaço de formação continuada docente.



Concluída a pesquisa, cumpre ressaltar que algumas lacunas foram deixadas pela mesma. Dito isto, sugere-se, para momentos posteriores, a realização de investigações quanto aos seguintes aspectos: possibilidades de apropriação das redes sociais como espaço de formação continuada docente sob o direcionamento do Estado brasileiro; redes sociais no cotidiano escolar: desafios e possibilidades; caracterização do trabalho docente a partir do advento da internet; etc.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. *Educação*. Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8075/5719>>. Acesso em: 16 set. 2018.

BARCELOS, Gilmara Teixeira. Redes sociais e formação de professores. *Perspectivas Online*. Campos dos Goytacazes, 5 (2), p. 5-10, 2012. Disponível em: <http://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/62/41>. Acesso em: 15 set. 2018.

CANDAU, V. M. F. *Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FERREIRA, Jacques de Lima; MACHADO, Mércia Freire Rocha Cordeiro; ROMANOWSKI, Joana Paulin. A rede social Facebook na formação continuada de professores: uma possibilidade concreta. *Atos de Pesquisa em Educação*. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/3608/2396>>. Acesso em: 16 set. 2018.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na Era da Informática*. (Tradução de Carlos Irineu da Costa). Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

NÓVOA, António. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1992.



PASQUETTI, Loreni Lúcia; SAINZ, Ricardo Lemos; NASCIMENTO, Cinara Ourique do. A utilização das linguagens midiáticas na relação alunos e professores no ambiente escolar. *Revista Thema*. IFSUL, 2017. v 14. nº 1. p. 164 – 181. Disponível em: <<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/download/349/289>>. Acesso em: 09 set. 2018.

PEIXOTO, Joana. Relações entre sujeitos sociais e objetos técnicos: uma reflexão necessária para investigar os processos educativos mediados por tecnologias. *Revista Brasileira de Educação*. v. 20. nº 61. abr.-jun, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782015206103>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

_____. Tecnologia e mediação pedagógica: Perspectivas investigativas. In: KASSAR, M. C. M.; SILVA, F. C. T. (Orgs.). *Educação e pesquisa no Centro-Oeste: Políticas Públicas e desafios na formação humana*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TOSCHI, Mirza Seabra. Tecnologia e educação: contribuições para o ensino. *Série-Estudos*. Campo Grande-MS, n. 19, p. 35-42, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/443>>. Acesso em: 10 set. 2018.